

## Revitalizar a memória negra em Petrópolis/RJ e Salvador/BA pelo Turismo

Patrícia Ferreira de Souza Lima<sup>1</sup>  
Nicolly Barreto Thomazi<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo apresentar os principais fatores indicativos de apagamento da memória negra em Petrópolis/RJ, na sua história e nos percursos turísticos do Centro Histórico, em comparação com Salvador/BA, que tem o Afroturismo como parte da identidade turística da cidade, embora não de forma exemplar no território nacional. Através da trajetória histórica de duas cidades, uma colonial e outra imperial, observamos a significativa contribuição do Afroturismo para revitalização da memória negra local, pelos territórios que passam a ser identificados e preservados, sugerindo roteiros alternativos de sensibilização dos moradores e incremento da diversidade das atividades turísticas em ambos os Estados ao valorizar não só a hibridização cultural do tempo da escravidão, como também reparar o racismo estrutural que persiste nas nossas práticas.

**Palavras-chave:** afroturismo; etnoturismo; Petrópolis/RJ; Salvador/BA; memória.

**Abstract:** This article aims to present the main factors indicating the erasure of black memory in Petrópolis/RJ, in its history and in the tourist routes of the Historic Center, in comparison with Salvador/BA, which has Afrotourism as part of the city's tourist identity, although not in an exemplary way in the national territory. Through the historical trajectory of two cities, one colonial and the other imperial, we observe the significant contribution of Afrotourism to the revitalization of the local black memory, through the territories that are now identified and preserved, suggesting alternative routes to raise awareness among residents and increase the diversity of activities tourism in both States by valuing not only the cultural hybridization of the slavery period, but also repairing the structural racism that persists in our practices.

**Key-Words:** afro-tourism; ethnotourism; Petrópolis/RJ, Salvador/BA; memory.

### Introdução

O Turismo vem desempenhando um papel vital na sociedade contemporânea, não só por ser atividade de lazer, mas especialmente por proporcionar a transmissão e reconhecimento de valores culturais nos lugares visitados. Por esta afirmação, este artigo explora duas cidades diversas: Salvador, no Estado da Bahia, que tem o Afroturismo como marcante atividade econômica - tipo de Turismo que dá destaque a monumentos e locais expressivos da população negra ou correlatos à sua identidade - , e Petrópolis, no Estado do Rio de Janeiro, na qual não há qualquer patrimônio tombado ou roteiro especializado deste segmento de mercado, em detrimento do título oficial de Cidade Imperial, aquela da vilegiatura da família imperial e da colonização germânica

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela UFRJ (2006), professora do curso de Bacharelado em Turismo no Cefet/RJ campus Petrópolis desde 2015, coordenadora do projeto de extensão “No batuque das águas do Caxambu: projeto de sensibilização e mobilização em Petrópolis/RJ”; patricia.lima@cefet-rj.br

<sup>2</sup> Graduanda em Turismo no CEFET/RJ campus Petrópolis. Bolsista do projeto extensão “No batuque das águas do Caxambu: projeto de sensibilização e mobilização em Petrópolis/RJ”, nicolly.thomazi@aluno.cefet-rj.br.

de meados do século XIX.

Para compreender mais sobre Afroturismo, seu desenvolvimento, suas expressões para os moradores locais e resultados para o mercado, e o porquê de Petrópolis não ter esse tipo de turismo baseando-se em seu contexto histórico e as políticas de apagamento da memória negra que ocorreram, ou ainda ocorrem, na cidade, e como intervir para mudar esse contexto, este artigo foi elaborado como parte integrante de propostas de tema de pesquisa e realização de atividades extensionistas dentro do projeto “No batuque das águas do Caxambu: projeto de sensibilização e mobilização em Petrópolis/RJ”, realizado no Cefet/RJ campus Petrópolis, com o principal objetivo de promover a sensibilização dos moradores de valorização e preservação do patrimônio cultural em amplo sentido, com vistas à participação protagonista na cidade, na perspectiva de educação crítica, contribuindo para a conservação ambiental, o exercício da cidadania e a qualidade de vida de todos envolvidos, assim como especificamente desenvolver a capacidade de detectar, descrever e analisar problemas e potencialidades patrimoniais, com compreensão do processo histórico da região que se dá através de conflitos territoriais simbólicos oriundos de disputa pela terra e trabalho por parte da imigração germânica motivadora da urbanização, que apaga evidências a seu tempo do estigma da escravidão.

### **Histórias nada paralelas de Petrópolis/RJ e Salvador/BA**

Onde hoje está localizada a cidade de Salvador era uma terra habitada pela tribo indígena Tupinambás, quando, em 1501, o comandante da primeira expedição exploratória Gonçalo Coelho negociou com os indígenas e tomou posse do lugar em que hoje é o Farol da Barra, bem na entrada da baía. Isso ocorreu no dia 1º de novembro, Dia de Todos os Santos. Dessa forma, a região ficou popular como Ponta do Padrão, na entrada da Baía de Todos os Santos. Por volta de oito anos mais tarde, ocorreu um naufrágio na costa e um dos sobreviventes foi o português Diogo Álvares Correia, conhecido como Caramuru, que logo se casa com Paraguaçu, indígena Tupinambá, inaugurando o primeiro povoado com europeus da região da futura Salvador. Por volta de 1536, D. João III, rei de Portugal, dividia as terras da Colônia em capitânicas hereditárias, então Francisco Pereira Coutinho obteve parte do território que seria logo Salvador, nomeado no período como Arraial do Pereira. Em 1549, a região foi batizada de Vila Velha com a chegada do primeiro governador geral do Brasil, Tomé de Souza, que desmanda Coutinho e trouxe consigo mais seis embarcações com uma

comitiva de aproximadamente 10 mil pessoas sob as ordens do rei de Portugal com intenção expressa de finalmente fundar a cidade que seria de São Salvador.

Esta trajetória de povoamento que vem desde tempos primórdios de quando nosso território passa a se denominar Brasil, teve em Salvador a primeira capital colonial, conhecida na época como São Salvador da Bahia de Todos os Santos, até 1763, quando se descobre os metais preciosos e outro eixo comercial se evidencia para a metrópole - e onde saberemos que as histórias de Salvador e Petrópolis, nossa segunda urbe aqui analisada, irão se suceder no investimento por parte dos governantes. Até lá, a Bahia era a região que mais exportava açúcar, com isso havia presença de muita mão de obra escrava, sendo o segundo maior porto de desembarque de africanos nas Américas, com a estimativa de 1,2 milhão de africanos traficados de forma involuntária. Passavam fome, sede e eram maltratados, muitos deles não resistiam a viagem e morriam antes de desembarcar. Em terra, os comerciantes os tratavam melhor, embora ainda em condições desumanas, apenas para poderem valorizar a um bom preço sua mercadoria, a mais valiosa à época:

Em Salvador, desde meados do século XVII, após terem sido pagas na alfândega as referidas taxas de importação, as novas levas de escravos ficavam abrigados em depósitos fixos que por vezes ocupavam quarteirões inteiros. Nestes locais, o escravo recebia alimentação e passava por um processo de “maquiagem”. Muitas vezes seu proprietário aplicava óleo de palma em todo o seu corpo, para esconder doenças de pele e, principalmente, para dá-lhe aspecto de bom estado físico, no momento em que era exposto para possíveis compradores. (RIBEIRO, 2005, p. 95)

Após os africanos escravizados estarem em condições de serem negociados, eram feitos leilões em locais públicos onde os compradores avaliavam as condições físicas dos escravizados, como os dentes, os olhos, suas condições de saúde e rigidez dos músculos. Quando comprados nas praças de comércio, os escravizados acompanhavam os seus senhores e lá eram marcados como propriedade a ferro quente, da mesma forma que os animais.

No Cais, localizado na Cidade Baixa onde ficava o comércio de carne humana e a alfândega, era onde os africanos escravizados entravam em Salvador antes da lei Eusébio de Queirós, que proibiu o tráfico negreiro apenas na primeira metade do século XIX:

Localizado na Cidade Baixa, no bairro portuário e comercial da antiga freguesia da Conceição da Praia, onde também ficava a alfândega. Ali eram recebidos os escravos desembarcados em Salvador antes da

15º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu  
01, 02 e 03 de Dezembro de 2021  
Foz do Iguaçu – Paraná - Brasil

proibição do tráfico de africanos, promulgada pelo governo imperial em 07 de novembro de 1831. Mesmo antes e depois dessa data, o local também era utilizado para embarque de escravos e posterior distribuição na rota do tráfico interno. (SAMPAIO, 2005)

Salvador tem sua história marcada pela exploração da mão de obra escrava como quase todas as cidades brasileiras. Todavia, o que diferencia Salvador das outras cidades é a predominância de sua população nos centros serem ainda majoritariamente de negros, além da efetiva valorização da cultura afro-brasileira como característica marcante dos principais roteiros de Turismo, com muitos lugares de memória negra preservados, mesmo ainda havendo homenagens controversas na cidade.

A cidade de Petrópolis, por sua vez, no Estado do Rio de Janeiro, é imperial pela expressão urbana, e não colonial como Salvador. Em região que prospera após a transferência da capital da colônia portuguesa de Salvador para o Rio de Janeiro, a cidade de Pedro, na serra fluminense, tem sua memória patrimonializada dos tempos de metade do século XIX, quando não tínhamos mais tráfico de escravos, que não o interno, do Nordeste ao Sudeste, em busca das fazendas de café do caminho do ouro. O povoamento da região da Serra da Estrela, veio pela necessidade de se abrir um novo caminho com o objetivo de otimizar a viagem até Minas Gerais e evitar saqueadores. O Caminho Novo passava pela fazenda do Córrego Seco, uma das cinco fazendas que constituem a atual delimitação do município de Petrópolis, localizada na Serra da Estrela.

Sabe-se que o percurso mais curto do porto no Rio de Janeiro até a região próspera de Minas Gerais, em 1698, quando o governador da capitania, Arthur de Sá Menezes, notificou a coroa portuguesa sobre a necessidade da abertura de uma nova rota desde que o Caminho Velho estava precário. Desse modo, o bandeirante sertanista Garcia Rodrigues Paes ficou responsável pela abertura da via que foi concluída em 1707, e já aprimorada à época para trânsito de animais de carga.



(Mapa mostrando a diferença entre as rotas do caminho novo e velho fonte: <http://historiaeviagem.blogspot.com/2016/04/estrada-real-caminho-velho-antiga-rota.html>)

A região começou a ser povoada através da doação de sesmarias, como o território de Salvador, e os requisitos principais dados aos sesmeiros na época eram que as terras tinham que ser cultivadas e que não podiam ficar sem produção agrícola alguma, como manufaturas foram sempre proibidas na colônia portuguesa, sabendo-se no contexto de século XVIII, acrescenta-se que a mão-de-obra disponível era escrava. Então, aquela região tinha a predominância de população negra escravizada que trabalhava nas fazendas de café espalhadas por todo vale do Paraíba se expandindo especialmente no século XIX.

As primeiras sesmarias distribuídas no “sertão de serra acima do Inhomirim” pelo governo português datam de 1686, e foram dadas a algumas pessoas que, no momento, se destacavam na vida política e na segurança da Colônia. Mas devido à presença dos índios Coroados e das dificuldades de subir a serra, somente com o Caminho Novo e com a concessão de novas glebas a sesmeiros, a atividade econômica desenvolveu a região. (TOULOUS, s/d)

Então, o que hoje se tornou a cidade de Petrópolis, começou a ser mapeado em 1722, território dividido em extensas fazendas. Além da fazenda imperial em Santa Cruz, nosso monarca D. Pedro I, no momento de afirmação da independência do Brasil, que já via necessidade de construir um palácio fora da cidade do Rio de Janeiro em

uma região com temperaturas mais amenas no verão. D. Pedro I, de passagem pelo Caminho do Ouro, de Minas e São Paulo ao Rio, pernitoou na fazenda do Padre Correa e gostou do lugar. Logo, quis comprar a fazenda do padre para construir seu palácio de verão, entretanto lhe foi negada a venda e sugerida a ele a fazenda do Córrego Seco, uma fazenda vizinha a do padre, que estava à venda, já que a família dos Afonsos tinham terras mais produtivas. Desse modo, D. Pedro I comprou a fazenda do Córrego Seco e a escritura da compra foi assinada em 1830. D. Pedro I abdicou do trono um ano depois, antes da construção do palácio de verão na serra. Ficou para D. Pedro II a tarefa de começar a construção do palácio e planejar a ocupação da região, com o auxílio do seu mordomo Paulo Barbosa, aproveitando-se a lei de imigração recém aprovada.

O plano do Major Júlio Frederico Koeler, engenheiro-arquiteto que celebrou acordo com o imperador para planejar e desenhar a planta de Petrópolis após o Decreto Imperial 155 de 1843 que autorizava povoação de Petrópolis e construção do palácio imperial, era de transformar Petrópolis em uma Cintra Brasileira, um lugar de veraneio da elite brasileira. Uma localidade voltada para a diversão, descanso e distração da aristocracia, baseado em ideologias segregadoras com relação da escravidão em que acabou contribuindo para o apagamento da memória negra em uma região na qual as origens socioeconômicas eram rural-escravocrata, afastando o negro dos centros urbanos.

Foram desqualificados os descendentes dos antigos sesmeiros que eram, simultaneamente, produtores rurais de pequena envergadura e comerciantes que abasteciam o mercado local com gêneros alimentícios e serviços de hospedagem a viajantes - e repudiados os tipos sociais emblemáticos das formas de sociabilidade negadas (rural-escravocratas e pré-urbanas).Dentre os quais estavam, principalmente, os negros (escravos e africanos livres alocados em lavouras da região vale-paraibana, na construção das estradas do império e do Palácio de Verão), libertos e mestiços (tipos populares alocados em ofícios de uma rede pré-urbana, tais como os de cocheiros, cozinheiras, barbeiros, leiteiros, tropeiros). (DIAS, 2016, p. 167)

Tanto que o projeto da cidade de Petrópolis teve essa intenção de apagar o passado rural e escravista, desse modo Koeler fez um plano, na qual dividiu a cidade baseado em critérios de pertencimento socioeconômico e racial, no caso como apresenta Paola Dias (2016) sobre os critérios de divisão socioespacial da cidade:

a 1ª classe composta pela aristocracia (elite cortesã e alta burguesia), alocada nas proximidades do palácio, isto é, na Vila Imperial; a 2ª classe formada por uma mescla da média burguesia, que se alocaria na Vila Thereza, isto é, entre o assim considerado povoamento e a Vila Imperial,

15º Fórum Internacional de Turismo do Iguassu  
01, 02 e 03 de Dezembro de 2021  
Foz do Iguaçu – Paraná - Brasil

às margens da Estrada Geral; a 3ª classe composta por operários (colonos germânicos, em sua maioria) alocada no Alto da Serra, na proximidade da Estrada da Serra da Estrela; e, por fim, a 4ª classe, de agricultores, que se estabeleceriam fora da zona urbana, propriamente dita, onde não alcançariam os arruamentos e equipamentos urbanos, isolados física e socialmente da cidade. (DIAS, 2016, p. 71)

Nesse plano social apontam-se as políticas de segurança em que consistiria na expulsão dos negros para fora dos limites do território da cidade e a criminalização de suas expressões culturais.

A cidade de Petrópolis é um exemplo da maquete para testes de aplicação da teoria do embranquecimento, em que são negadas de forma ideológica as atividades econômicas da cidade e da região, tornando invisível a existência de população de maioria afrodescendente. (JUNIOR; AQUINO, 2014, p. 94)

Já nesse contexto de século XIX vale ressaltar o surgimento de ideologias racistas que prontamente vinham se formando no fim do século XVIII, com isso em adicional ao fim do tráfico negreiro em 1850 com a lei Eusébio de Queirós, o governo começou a incentivar as imigrações europeias com o discurso que o Brasil precisava de mão de obra livre, desde que o trabalho do negro livre ou dos escravos não era visto como sinônimo de qualidade.

o trabalho, especializado ou não, rural ou urbano, ficou para a história como sinônimo de trabalho escravizado, pensado como trabalho de negro e, uma vez assim definido, passou a ser compreendido com um trabalho desprovido de quaisquer técnicas e ciências. (JUNIOR; AQUINO, 2014, p. 83)

Dessa maneira, o governo criou condições para receber esses imigrantes europeus e para atraí-los, em Petrópolis foram os alemães e foi assim que começou a história de Petrópolis ser uma colônia alemã. O Major Koeler contratou os alemães para trabalharem na abertura da Estrada Normal da Estrela e em obras públicas (construção de prédios, residências, retificando rios, etc). Os imigrantes sofreram muitas dificuldades no início em quesito de moradia e condições de trabalho, quando chegaram no Brasil foi necessário comprar 200 cabras para dar de comer as crianças, pois suas mães não tinham leite devido as condições precárias que tiveram durante a viagem. O major Koeler com o propósito de facilitar a adaptação dos imigrantes no território nomeou os bairros baseado em suas regiões de origem, como Bingen, Castelânea, Mosela, Westphalia, Ingelheim, Palatinato, Renânia, Nassau e Siméria.

## **Considerações sobre o Afroturismo em Salvador e Petrópolis**

Afroturismo é o turismo voltado ao estilo de vida e tradições da população negra. Logo, é por meio do Afroturismo que se pode fazer o enaltecimento e o resgate das origens africanas.

é no turismo étnico-afro que se pode verificar ofertas turísticas estritamente voltadas para o resgate da cultura africana e afrodescendente. Os roteiros turísticos permitem aos visitantes experiências gastronômicas, em terreiros de candomblé, comunidades quilombolas, museus, igrejas barrocas, circuitos em rotas do ciclo do ouro, entre tantos outros atrativos que enaltecem a cultura africana. (FARIAS; PIMENTEL; SANTOS, 2021, p. 57)

Salvador, pode-se considerar como a mãe do Afroturismo brasileiro, é uma das poucas cidades no Brasil que há a predominância da cultura afro-brasileira em quase todos os lugares. Desse modo, é montado um “Plano de Ação do Turismo Étnico-Afro”, em 2019, para transformar Salvador no destino “mais afro do mundo” lançado pelo ex-prefeito ACM Neto no Teatro Gregório de Matos. Desde que a capital tem 82% de sua população negra é uma forma através desse projeto de fazer um reparo histórico colocando a população negra como protagonista. O projeto tem o foco em empreendedores negros e artistas com o objetivo de gerar mais empregos, inclusão econômica e distribuição de renda por meio do Afroturismo.

O Afroturismo pode-se aplicar como forma de conservar esse patrimônio cultural material e imaterial, valorizar a cultura negra e sensibilizar, pois, há um passado sofrido por trás de cada rua de Salvador e conscientizar sobre esse período escravocrata é importante, além de apontar essa dívida histórica que o Brasil tem com a população negra que é o que a prefeitura de Salvador visa em reparar por meio do “Plano de Ação do Turismo Étnico-Afro”. Portanto, averígua-se que ter lugares de memória e de exposição cultural é dar visibilidade aos que por séculos foram oprimidos e silenciados. A seguir, consideramos destacar alguns patrimônios culturais marcantes no Afroturismo baiano: o bairro do Pelourinho, onde se localiza a Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, o grupo de música Olodum.

Pelourinho é um bairro que está diretamente ligada a fundação da cidade por Tomé de Sousa, em 1549, que por ser em uma região alta, com uma muralha natural por elevações do próprio terreno (90 metros de altura e 15 de extensão) e próximo ao porto constatou que seria uma localização estratégica. Tomé de Sousa mandou

construir sobrados e casarões (com arquitetura barroca-portuguesa) com mão de obra indígena e escrava, era um bairro residencial onde se tinham as melhores moradias até início do século XX, no caso, um bairro da aristocracia. Todavia, durante a década de 60 o Pelourinho começou a sofrer grande degradação com a modernização da cidade e transferência de atividades econômicas para outras regiões.

O bairro ficou mais abandonado de forma que a prostituição e a marginalidade dominavam, desse modo os exilados dos outros bairros foram para o Pelourinho, transformando-o em um bairro negro. O nome pelourinho significa lugar onde os escravos eram castigados pelos senhores de engenhos e como forma de demonstrar poder a população os senhores mandaram edificar um pelourinho no largo central da cidade, onde hoje seria em frente à casa de Jorge Amado, dessa forma os escravos eram castigados em praça pública para exaltar o poder dos senhores. Devido isso “pelourinho” virou um ponto de referência da cidade. Hoje o Pelourinho é referência na exaltação da cultura afro-brasileira com manifestações culturais religiosas, musicais, artísticas, culinária e artesanato. Sendo o ponto turístico mais visitado na Bahia e onde oferece o melhor da experiência cultural baiana.

A Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos fica no Pelourinho, tendo sido edificada para a comunidade negra e pelos negros, começou a ser construída em 1704 pela irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos que era formada por libertos e negros escravizados. A construção levou muito esforço dos negros desde que não havia muito financiamento (ex-escravos e comerciantes doavam dinheiro) para a obra, assim a igreja levou quase 100 anos para ser concluída. Esse era o local de reunião dos membros da irmandade e uma forma de fortalecer os laços que eles traziam consigo da África, essa conexão que ultrapassava qualquer diferença religiosa, os membros da comunidade seguiam diferentes religiões, desde o catolicismo ao candomblé. Lugar perfeito para se colocar no roteiro e conhecer mais a história de resistência negra.

O monumento do Zumbi dos Palmares fica no Centro Histórico de Salvador, e homenageia o líder quilombola que foi um dos maiores pioneiros na resistência a escravidão. Líder do Quilombo dos Palmares, um dos maiores quilombos durante o período colonial, o monumento tem cerca 2,20 de altura e pesa 300kg e é uma escultura em bronze feita pela artista plástica Marcia Magno. O que se pode dizer como uma homenagem de sensibilização, pois traz a visibilidade o passado escravocrata e a história de resistência negra. Forma de mobilizar os turistas e população local sobre o

passado e a importância da resistência negra atual.

Pela perspectiva de práticas culturais imateriais, trazemos a referência do grupo de percussão denominado Olodum. A palavra “Olodum” significa “Deus criador do Universo” no ritual religioso do candomblé. As cores do Olodum formam a base do Movimento do Reggae, Pan-africanismo e o Rastafarismo; o amarelo representa o ouro da África, o branco, a paz mundial, o verde é as florestas equatoriais da África, o preto é a altivez da população negra, vermelho, o sangue da raça negra. O grupo foi criado em 1979 no centro histórico de Salvador. A Casa do Olodum tem o propósito de combater a discriminação racial e social, além de buscar exaltar a cultura afro-brasileira e disseminar a cultura e os direitos humanos e civis das pessoas marginalizadas na Bahia. O bloco Olodum foi um marco na música brasileira trazendo transformações nas músicas africanas e ganhou notoriedade mundial. Grande exemplo que Salvador dar na valorização da memória negra e sendo parte do turismo cultural da cidade, pois sempre há apresentações do movimento no Pelourinho. O presidente do Olodum Jorge Jorge Rodrigues indaga:

A vivência da dura realidade social e a existência da discriminação racial transformaram-se na essência e na inspiração do protesto; a busca pela afirmação das raízes pluriculturais fez com que a cada ano o Olodum levasse os foliões a uma viagem, contando a história do seu novo povo, a história do samba-reggae, a história dos ritmos mágicos, a história do movimento negro na Bahia e no Brasil, a história dos moradores do Maciel/Pelourinho, enfrentando de cabeça erguida a discriminação sócio-racial, levando a toda sociedade – seja pelo trabalho contagiante do carnaval – a consciência da origem africana e a necessidade da luta pela justiça social, pela liberdade e pela democracia. É a história de um bloco que fez do carnaval a oportunidade de unir a sociedade em torno da expressão da cultura afro-brasileira. (GONÇALVES, 2019)

O turismo em Petrópolis é voltado para os dois grupos hegemônicos da cidade: o luso-imperial e o do colono germânico. Tanto que a cidade recebeu o título de Cidade Imperial sustentada pelo pressuposto de uma cidade ideal que foi construída pela mão de obra livre. O Decreto nº 85.849, de 23 de março de 1981, assinado pelo presidente da República João Figueiredo oficializada o título de Cidade Imperial com o objetivo de incentivar o Turismo Histórico na cidade. Todavia, anos antes Getúlio Vargas já investia nessa ideia de Cidade Imperial (colaborando mais ainda para o apagamento da memória negra na cidade, desde que não há valorização desse grupo étnico e nem de seus valores culturais e ao estabelecer Petrópolis como Cidade Imperial, se vende a imagem de uma cidade elitista e sem marginalização) com a intenção de fazer uma

aproximação da sua imagem ao do imperador D. Pedro II e, assim, ele ajudou na consolidação dessa imagem de Petrópolis.

A partir disso, iniciou o nacionalismo sustentando-se um projeto cultural, com intuito da construção de um ato na noção de coesão social, sobretudo, com o Estado Novo. No contexto, surgiu uma instituição significativa para a construção de memória em Petrópolis, o Museu Imperial. Neste contexto, há uma confluência de interesses políticos e historiográficos. Por um lado, ainda que desde os primeiros momentos da República houvesse vozes defendendo as políticas de preservação da memória do período imperial, como as que lutaram pela revogação da Lei do Banimento, percebemos que a política cultural implementada durante o primeiro governo do Presidente Getúlio Vargas (1930-1945) favoreceu e coadunou-se com a revitalização da memória do Império, personificado na figura de d. Pedro II. (FRAGUAS, 2019, p. 4546)

Portanto, o turismo étnico na cidade pode-se dividir em duas categorias ou classificações:

- *Luso-imperiais*: Museu Imperial, Palácio de Cristal (presente do Conde D'eu a Princesa Isabel), Catedral São Pedro de Alcântara, Casa da Princesa Isabel, Casa de Santos Dumont, Casa da Ipiranga, Praça Dom Pedro II.
- *Germânicas*: Obelisco de Petrópolis (homenagem do presidente Juscelino Kubitschek às primeiras famílias germânicas que chegaram na colônia agrícola imperial), a Bauernfest (festival anual com tradições alemãs com duração de 11 dias), Museu Casa do Colono.

Já o turismo em Salvador é voltado ao turismo de praia e sol, por ser uma região litorânea há muitas praias com paisagens de tirar o fôlego em adicional ao clima tropical que a temperatura é sempre elevada sem variações grandes, e ao turismo histórico e cultural mais voltado ao Afroturismo, como já mencionado anteriormente. O foco será mais no Afroturismo, porém seguem alguns exemplos dos outros tipos de turismo presentes na cidade:

- *Turismo de Praia e Sol*: Ilha dos Frades, Praia do Flamengo, Praia Farol da Barra, Praia do Porto da Barra, Praia Stella Maris, Praia do Rio Vermelho, Praia do Buracão, Praia de Itapuã, Massarandupió, Praia de Piata, Praia Ondina, Praia de São Tomé do Paripe, Praia de Pitupa, Praia da Boa Viagem, Praia de Inema, Praia de Amaralina, Praia de Jaguaribe, Praia de Paramana, Praia Armação, Praia Boca do Rio, Praia de Pituaçu, Praia de Viração, Praia de Aleluia.
- *Turismo Histórico*: andar em Salvador é como andar na história uma cidade que tem 472 anos há muita história por trás. Salvador foi a primeira cidade planejada do país arquitetada para ser a capital do país. O arquiteto Luís Dias projetou

Salvador com toda uma geometria quadricular com a finalidade de fazer da cidade um centro administrativo e, ao mesmo tempo, um forte militar. Outra curiosidade é que a cidade possui o maior número de igrejas seculares (XVI-XVII) na América, casarões e fortes.

Seguem os exemplos de pontos turísticos histórico de Salvador:

- Farol da Barra: o Forte de Santo Antônio da Barra foi a primeira edificação militar do país e o farol mais antigo das Américas. Teve a sua primeira estrutura erguida para a defesa da barra do porto durante o governo de Manuel Teles Barreto (1583-1587) que era governador-geral. É um dos pontos turísticos mais visitados de Salvador e parte de seu cartão postal.
- Catedral Basílica Primacial São Salvador: foi a primeira catedral a ser edificada no Brasil feita em 1552 e é o mais grandioso templo construído pelos jesuítas no Brasil.
- Elevador Lacerda: é o primeiro elevador urbano do mundo. O elevador faz ligação entre a Cidade Alta (onde fica o centro histórico) e a Cidade Baixa (centro mais comercial). Foi resultado do projeto de Antônio de Lacerda, pois notou-se a necessidade de facilitar a mobilidade na cidade entre a Cidade Alta e Baixa, que até então as pessoas utilizavam guindaste e ladeira íngremes. A primeira torre foi inaugurada dia 8 de dezembro de 1873. Hoje é parte também do cartão postal de Salvador proporcionando uma visão magnífica da Baía de Todos os Santos, mercado modelo e centro histórico.

### **Roteiros turísticos pela revitalização da memória negra no Brasil**

Uma das funções do turismo é transmitir o valor dos patrimônios culturais da cidade e da população local para os visitantes. Nota-se que historicamente a cultura e os valores que ficam em destaque são dos grupos hegemônicos, no caso, o Europeu branco. Enquanto os de grupos que são marginalizados, o negro, seus valores culturais são dificilmente transmitidos para os de fora, ficam somente entre a parcela desse grupo, desde que não são aceitos socialmente. Por esse motivo o Afroturismo é importante, pois é algo além de apenas valorizar a memória negra, é também um movimento político, porque agora o negro passa ser protagonista da própria história.

[...] o turismo étnico-afro vai além da valorização da cultura afrodescendente, ele também se torna um movimento político, no qual os negros passam a ser protagonistas de sua própria história. Esse

movimento político surge uma vez que a população negra não é vista como parte da sociedade brasileira pelo Estado, dessa forma os negros se apropriam da sua história e de sua ancestralidade, criando sua identidade negra. A partir disso, procuram formas de ocuparem lugares na sociedade que possam dar visibilidade a suas vozes que em muitas vezes são silenciadas, um exemplo disso são os afroempreendedores que buscam unir conscientização com geração de renda, como é a Diáspora.Black (DOMINGOS, 2019, p. 28).

Além disso, no processo de abolição, eles não receberam nenhum tipo de suporte para reintegração social sendo jogados para a margem da sociedade e marginalizados. Até hoje o racismo é uma luta diária para os negros, pois esses tiveram a sua identidade e cultura inferiorizadas na sociedade.

No que diz respeito aos movimentos negros contemporâneos, eles tentam construir uma identidade a partir das peculiaridades do seu grupo: seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupos estigmatizados, racializados e excluídos das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membro de grupo étnico racial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente. A tarefa não é fácil, justamente por causa dos obstáculos acima evocados (MUNANGA, 1999, p.14)

A existência de lugares de memória e de manifestações culturais afro-brasileiras são formas de lutar contra o racismo e dar lugar de fala, por isso é essencial a aplicação do Afroturismo, pois maior parte da população brasileira é negra, entretanto não há a exaltação dos valores culturais dessa comunidade. Logo, o turismo serve para revitalizar a memória negra, a transmitindo para os de fora por meio da valorização da religião, culinária, música, estética, roupas e, assim, mostrando a sua beleza.

O caso de Petrópolis é reflexo desse apagamento da memória negra, pois os negros foram jogados para as áreas periféricas que nesse contexto seriam as fazendas, afastando-os do acesso a boa educação e qualidade de vida. Além de terem sua voz silenciada, pois não podiam fazer manifestações culturais.

especificamente ao grupo afro-brasileiro, são exemplos dos apagamentos e reescrituras a negação da preexistência de negros em solo petropolitano e de sua colaboração na construção do Palácio de Verão e da cidade; a política de banimento dos quilombos urbanos e sua associação à atividade criminosa; a invisibilidade do negro como trabalhador (a disseminação da ideia de que o negro não possuía aptidões laborais que o qualificassem para o trabalho livre e urbano) e como habitante da cidade; a política de segurança baseada na perseguição a líderes religiosos e no desmonte de terreiros de candomblé e umbanda (vulgarizados pela mídia escrita como símbolos da má-fé e da mercantilização da credulidade de pessoas incautas); a elitização e negação do carnaval como festejo

popular (esvaziamento das festas de rua, com direcionamento aos clubes frequentados pela elite, culminando na suspensão da festa por decreto municipal em diversas ocasiões, da história recente da cidade) [...] pela via da reivindicação de uma identidade e memória disponível para ser incorporada ao turismo cultural, mas por via da reivindicação da memória da escravidão. (DIAS, 2016, p. 169)

Até hoje, o Turismo e as transmissões da cultura da cidade são exclusivamente do europeu branco, sem espaço para a população negra. Tanto que quando se comenta sobre Petrópolis as únicas imagens que vêm são de pessoas brancas e da Cidade Imperial. Uma forma de intervir é por via da reivindicação, como mencionado por Dias (2016), da memória da escravidão que teve na cidade e começar a abrir espaço para expressões culturais do negro, criando ali um lugar de memória. Portanto, não vender a imagem de ser uma cidade exclusivamente branca, imperial e germânica, a “cidade perfeita”, destacar a contribuição dos negros na construção da cidade, dos quilombos que ali existiu e o ainda existente, os descendentes quilombolas, o Quilombo da Tapera. Mencionar o negro na história da cidade, porque ele fez e faz parte dela e merece ser lembrado.

Salvador é um grande exemplo dessa manifestação cultural que também veio após muita luta, o que se pode aprender com Salvador é que o Afroturismo é uma forma de luta e resistência, pois é dar visibilidade e valorizar a cultura afro-brasileira, lutando contra a imposição dos valores europeus. Vê-se isso no Olodum como maior movimento de resistência através da música. Também os lugares de memórias que remetem a escravidão, como o monumento de Zumbi de Palmares e Igreja da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ambos são símbolos de força e do passado escravista. Portanto, incentivar o Afroturismo em Petrópolis é uma forma de trazer a história negra, até então apagada, para destaque:

O turismo étnico-afro resalta a contribuição do negro para o processo de formação da identidade brasileira, ressaltando sua participação em termos de cultura, religião, língua, música, arquitetura de igrejas, ciclos econômicos, entre outros. Nessa acepção, o turismo étnico-afro também pode ser apreendido dentro da perspectiva de um símbolo de luta e resistência do negro, já que possibilita o empreendedorismo e o empoderamento do negro a partir do resgate da sua memória. (FARIA; PIMENTEL; SANTOS, 2021, p. 63)

Todavia, não desmerecendo as memórias luso-imperial e germânica, mas trazendo, também, a negra para ser parte do turismo da cidade.

## **Considerações Finais**

O ponto principal visto nesse trabalho é que a memória do negro tem sido apagada por anos em Petrópolis, como uma cidade planejada exatamente baseada na ideia de ser uma Cintra Brasileira dentro do contexto de políticas embranquecimento que estavam surgindo. Dessa forma, tirou do negro a sua autonomia e seu lugar na exposição de sua colaboração na história da cidade, afastando-o dos centros e o privando do acesso a boa qualidade de vida e de suas manifestações culturais. É um completo mito achar que Petrópolis é uma cidade de maioria branca desde que as zonas rurais fazem parte da cidade e é lá que se encontra a comunidade negra. Isto posto, o turismo na cidade é mais voltado para a cultura Luso-imperial e a germânica, sem espaço para a afro-brasileira.

A forma de aplicar o Afroturismo na cidade é através da revitalização do passado escravista e das contribuições do negro na cidade, colocando-o como parte dessa história que ele pertence, além disso, também abrindo espaço para manifestações culturais: festa, carnaval, religião, culinária e etc. Tendo um evento voltado para a cultura afro-brasileira, assim, como há para os lusos e os alemães. A construção de um lugar de memória se faz essencial também, por exemplo, um monumento que remete a esse passado escravista e figuras negras importantes na história de Petrópolis, do mesmo modo que fora feito em Salvador.

Em contrapartida, nota-se com Salvador o exemplo de aplicação do Afroturismo que traz consigo a luta contra o racismo, exaltação dos valores afro-brasileiros e lugares de memória sensíveis que nos remetem ao passado escravista que, sim, precisa ser lembrado através dos monumentos e edifícios que são constituições de bens capazes de transmitir para as futuras gerações o significado do que ocorreu no passado, por exemplo, o monumento de Zumbi dos Palmares e a Igreja Nossa Senhora do Rosários dos Pretos. Um remete ao movimento quilombola, de homens e mulheres escravizados que fugiam de seus senhores e viviam em comunidades escondidos e o outro do sentimento de comunidade e apoio que os cativos e libertos tinham um para com o outro e a persistência de ter um lugar para manifestarem a cultura deles, ao construírem a igreja.

Desse modo, através do turismo há a possibilidade de transmitir a cultura e manter a memória viva, adiante de desenvolver aquela comunidade e com o turismo étnico voltado à cultura negra vai além de apenas aspectos de transmissões culturais, há um simbolismo, pois, como já foi mencionado a cultura que é transmitida é sempre a hegemônica, como ocorre com Petrópolis, e os outros grupos são silenciados, de

modo que o Afroturismo se apresenta como um dos meios de lutar contra esse silenciamento e dar lugar de fala para o grupo que por séculos teve sua voz silenciada e memória apagada.

## Referências

- AQUINO, Renata; JUNIOR, Henrique Cunha. Cidades Negras - Petrópolis Imperial. Revista Ambivalências. Petrópolis, V2, N4, p. 81-96, Jul-Dez/2014.
- Arte Fora do Museu. Escultura. Arte Fora dos Museus, [s.d.]. Disponível em: <https://arteforadomuseu.com.br/monumento-a-zumbi-dos-palmares/>. Acesso em: 12 set. de 2021.
- Biblioteca Nacional Digital. Tráfico de Escravos no Brasil. Biblioteca Nacional Digital, [s.d.]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/trafico-e-comercio-de-escravos/>. Acesso em: 1 de set. de 2021.
- Biblioteca Nacional Digital. Elevador Lacerda, o primeiro elevador urbano do mundo. Biblioteca Nacional Digital, 2020. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/acervo-da-bn-elevador-lacerda-o-primeiro-elevador-urbano-do-mundo/>. Acesso em: 13 set. de 2021.
- Bahia Econômica. IBGE: SALVADOR É A CAPITAL MAIS NEGRA DO BRASIL. Bahia Econômica, 2018. Disponível em: <https://bahiaeconomica.com.br/wp/2018/11/19/ibge-salvador-e-a-capital-mais-negra-do-brasil-e-tambem-onde-esta-maior-desigualdade-salarial-entre-brancos-e-pretos/>. Acesso em: 12 set. de 2021.
- DIAS, Paola Vanessa Gonçalves. Do apagamento à fala pública: a memória negra em Petrópolis a partir da trajetória do quilombo da Tapera. 2016. 183f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- DOMINGOS, Alexandre Balbino (2019). Diáspora Black: o fortalecimento do turismo étnico-afro. f.104. Trabalho de Conclusão de Curso (Turismo), Universidade Estadual Paulista, Rosana, 2019.
- FARIAS, João Paulo Blosch de; PIMENTEL, Juliana Maria Vaz; SANTOS, Letícia Cassiano. Turismo étnico-afro: uma possível alternativa para o empreendedorismo e empoderamento negro no Brasil. 2020. p. 51-65, Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, 2021.

FILHO, Oazinguito Ferreira da Silveira. Escravismo e abolição em Petrópolis. Instituto Histórico de Petrópolis. Disponível em: [http://www.ihp.org.br/26072015/lib\\_ihp/docs/ofsf20111203a.htm](http://www.ihp.org.br/26072015/lib_ihp/docs/ofsf20111203a.htm). Acesso em: 1 set. 2021.

FRAGUAS, Alessandra Bettencourt Figueiredo. Entre Júpiter e Prometeu, a complexa trajetória de D. Pedro II: um agente no campo científico (1871 – 1891). 2019. 207 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

G1. Na Bahia, igreja construída por escravos é reaberta após restauração. G1, 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/05/na-bahia-igreja-construida-por-escravos-e-reaberta-apos-restauracao.html>. Acesso em: 12 set. de 2021.

Guia Geográfico Bahia. Catedral Basílica de Salvador. Guia Geográfico Bahia, [s.d.]. Disponível em: <http://www.bahia-turismo.com/salvador/igrejas/catedral-basilica.htm>. Acesso em: 12 set. de 2021.

Guia Geográfico Bahia. Farol da Barra e Forte Santo Antônio da Barra. Guia Geográfico Bahia, [s.d.]. Disponível em: <http://www.bahia-turismo.com/salvador/barra/farol.htm>. Acesso em: 12 set. de 2021.

GONÇALVES, Gabriela da Costa. Olodum: 40 anos de história. Fundação Cultural Palmares, 2019. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=54049>. Acesso em: 10 set. de 2021.

IBGE. Salvador, histórias e fotos. IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/historico>. Acesso em: 12 set de 2021.

JUNIOR, Luiz Antonio Oliveira de Moraes. História do Pelourinho. Luiz Guia, [s.d.]. Disponível em: <http://www.luizguia.com.br/historia/historia-do-pelourinho>. Acesso em: 10 set. de 2021.

MARQUES, Lorena de Lima. Salvador, 470 anos: Diáspora, Religiosidade e Resistência. Fundação Cultural Palmares, 2019. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=53773>. Acesso em: 10 set. de 2021.

MUNIZ, Tailane. Plano de Ação do Turismo Étnico-Afro quer Salvador como destino 'mais afro do mundo'. Correio24horas, 2019. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/plano-de-acao-do-turismo-etnico->

- [afro-quer-salvador-como-destino-mais-afro-do-mundo/](#). Acesso em: 30 set. de 2021.
- MUNANGA, Kabengele. (1999). Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra. Petrópolis, RJ: Vozes.
- RIBEIRO, Alexandre Vieira. O tráfico atlântico de escravos e a praça mercantil de Salvador, c. 1680 – c. 1830. 149 p. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- SILVA, Lucas Ventura. “POR ENTRE FLORES E FESTA”: as dinâmicas de abolição e liberdade na Petrópolis de 1888. 89 p. Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2020.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. 50 anos de urbanização: Salvador da Bahia no século XIX. Rio de Janeiro: Versal; Odebrecht, 2005.
- SANTOS, Vagner José Rocha. A Irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho: História de fé, (re)existência e comida. Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Uberlândia, 19 p., out/2018.
- TAULOIS, Antonio Eugênio. História. Instituto Municipal de Cultura e Esportes, [s.d.]. Disponível em: <https://www.petropolis.rj.gov.br/fct/index.php/petropolis/historia>. Acesso em: 10 set. de 2021.
- Tripadvisor. Salvador: Melhores Atrações. Tripadvisor, [s.d.]. Disponível em: [https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303272-Activities-Salvador\\_State\\_of\\_Bahia.html](https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g303272-Activities-Salvador_State_of_Bahia.html). Acesso em: 12 de set. de 2021.
- Wikipédia. Caminho Novo. Wikipédia, 2021. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caminho\\_Novo](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caminho_Novo). Acesso em: 10 set. de 2021.